

A ORDEM DO AMOR: MEUS FILHOS NÃO SÃO MELHORES, MAS SÃO MEUS

Uma leitura de Agrosofia e Agroteologia sobre o dever paterno, o enraizamento e a Pedagogia da Ausência

Por Aínor Francisco Lotério

Engenheiro agrônomo, filósofo, mestre em Gestão de Políticas Públicas, palestrante e escritor. Criador da Agrosofia.

*“O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar.”
(Gênesis 2,15)*

1. A frase que eu repetia

Repeti muitas vezes, dentro de casa, uma frase que eu julgava santa: vocês não são melhores do que os filhos dos vizinhos que eu nem conheço. Dizia aquilo com a convicção de quem se protege da vaidade e protege os filhos do orgulho. Hoje percebo que eu misturava duas coisas que Deus separou. Uma é o valor de cada vida humana. A outra é o dever que cada vida coloca sobre mim. No valor, a frase é verdadeira: nenhum filho meu vale mais do que o filho desconhecido de um homem desconhecido. No dever, a frase é falsa: eu não devo ao filho do vizinho aquilo que devo aos meus. Confundir as duas coisas não é excesso de cristianismo. É cristianismo desarrumado.

2. A ordem do amor

Agostinho deu nome a esse desarranjo. Chamou de ordem do amor, *ordo amoris*, e ensinou que todos os homens devem ser amados igualmente, mas, como não podemos fazer o bem a todos, cabe cuidar preferencialmente daqueles que, por circunstância de lugar, de tempo e de vínculo, nos foram como que dados pela providência (Sobre a Doutrina Cristã, livro I, capítulos 27 e 28). Tomás de Aquino retomou a questão e concluiu que a caridade tem ordem, e que amamos com maior intensidade os que nos são mais próximos, não porque valham mais, mas porque estão mais unidos a nós (Suma Teológica, II-II, questão 26, artigos 6 a 8). Antes deles, Cícero já havia descrito os graus da sociedade humana, que partem do vínculo conjugal e da casa e se ampliam em círculos até a cidade e o gênero humano (Dos Deveres, livro I, capítulo 17). E Aristóteles mostrou que a amizade verdadeira exige convivência, tempo compartilhado e conhecimento recíproco, coisas que ninguém consegue ter com todos (Ética a Nicômaco, livros VIII e IX).

Paulo não usou meias palavras: “Se alguém não cuida dos seus e sobretudo dos de sua própria casa, negou a fé e é pior do que um infiel” (1 Timóteo 5,8). E quando Jesus manda amar o próximo como a si mesmo (Marcos 12,31), não está apagando a proximidade. Está fundando o amor exatamente sobre ela, porque próximo é palavra de distância e de rosto, não de estatística. Martin Buber diria que só existe amor no encontro de um Eu com um Tu que tem nome e história (Eu e Tu, 1923). Eu não posso amar a humanidade em geral. Posso amar o Aínor Manoel e o Lucas Manoel, e a partir deles aprender a amar o filho do vizinho, que também tem um pai encarregado dele.

3. O que a terra ensina: não existe solo genérico

Aqui a Agrosofia me corrige melhor do que qualquer sermão. Quarenta anos de agronomia me ensinaram uma coisa elementar que a teoria moral costuma esquecer: não existe solo genérico. Existe

este solo, com esta acidez, esta argila, esta declividade, este histórico de uso e esta chuva. Nenhuma semente germina em terra em tese. Quem aduba o mapa em vez de adubar a lavoura não colhe nada, por mais nobre que seja a sua intenção. O amor que se distribui igualmente por toda a superfície do mundo é adubo lançado sobre o mapa.

Simone Weil chamou o enraizamento de a necessidade mais importante e mais ignorada da alma humana, e escreveu que o ser humano tem raiz por sua participação real e ativa numa coletividade concreta, viva e de dimensões humanas (O Enraizamento, 1949). O filho é a primeira coletividade concreta do pai. Heidegger, refletindo sobre o construir e o habitar, mostrou que habitar significa cuidar, resguardar, permanecer junto às coisas no lugar em que se está (Construir, Habitar, Pensar, 1951). Cuidar do próprio quintal não é pequenez. É o modo humano de habitar a terra.

E a agricultura sintrópica, que estudo e aplico no Sítio Agrosafia, dá a essa verdade a sua forma mais bonita. Num sistema consorciado, cada espécie serve ao conjunto justamente ao ocupar o seu estrato e o seu tempo. A emergente não é melhor do que a rasteira, e a rasteira não é melhor do que a emergente. Ambas sustentam o sistema porque nenhuma das duas abandona o seu lugar. A planta que se recusa a ocupar o próprio estrato, em nome de servir a floresta inteira, não serve a floresta: desorganiza-a. Foi isso que eu fiz durante anos com uma frase de aparência humilde.

Não existe pai da humanidade. Existe pai deste filho, nesta casa, neste tempo.

4. Agroteologia: cultivar e guardar

A Agroteologia lê a fé pela chave da terra, e a terra pela chave da fé. Ora, a primeira ordem que Deus dá ao homem no livro do Gênesis não é uma ordem cósmica e difusa. É delimitada: cultivar e guardar um jardim (Gênesis 2,15). Deus não entregou ao homem a abstração do planeta. Entregou um pedaço de chão com cerca, com árvores contadas, com rios que têm nome. O universal foi confiado ao homem em forma de particular, e essa é a pedagogia divina desde a primeira página da Escritura.

Na parábola do semeador, a mesma semente encontra destinos diferentes conforme o terreno, e só a terra boa produz a trinta, a sessenta e a cem por um (Marcos 4,8). O que decide não é a qualidade do semeador, é a preparação daquele solo específico. Preparar aquele solo específico é tarefa de quem está ali. Depois, quando Jesus quer explicar a fecundidade da própria morte, escolhe de novo uma imagem agrícola: “Se o grão de trigo, caído na terra, não morrer, ficará só; mas, se morrer, produzirá muito fruto” (João 12,24). Há uma morte que o pai precisa morrer para que o filho frutifique, e ela não é a morte do abandono. É a morte do protagonismo.

A ecologia integral, tal como o Papa Francisco a formulou, insiste em que tudo está interligado (Laudato Si', 2015). Isso é verdade, e é justamente por isso que a responsabilidade não se dissolve: ela se distribui. Num sistema em que tudo se liga, cada um responde primeiro pelo nó que está em suas mãos. Teilhard de Chardin ensinou a santificar não o mundo em geral, mas a matéria concreta do próprio trabalho e do próprio dia (O Meio Divino, 1957). O pai santifica o mundo pelo filho que lhe foi dado, não apesar dele.

Digo o mesmo do cooperativismo, e escrevi isso em Paixão pelo Cooperativismo: a intercooperação só existe porque antes existe a propriedade bem cuidada. Uma cooperativa formada por associados que descuidam da própria lavoura não tem o que levar ao entreposto. A solidariedade não substitui a responsabilidade individual, ela a multiplica. A família é a primeira cooperativa, e é dentro dela que

aprendi o que depois levei para as assembleias.

5. O pêndulo e a Pedagogia da Ausência

Corrigido o erro, é preciso vigiar o pêndulo. Vem logo a tentação de dizer que agora tudo é deles, minha carne, meu sangue, minha inteligência, tudo para eles, como se a reparação se fizesse por quantidade de entrega. Não se faz. O que faltava não era volume, era ordem. Quem se dissolve inteiro no filho não lhe entrega um pai, entrega um recurso. E o filho que recebe um recurso aprende a administrar, não a herdar.

É o que venho chamando de Pedagogia da Ausência. Há um ponto em que a maior doação do pai é o passo atrás, o silêncio calculado, o espaço vazio onde o filho descobre que é capaz. Gabriel Marcel chamou isso de disponibilidade e fidelidade criadora: estar presente sem ocupar, comprometer-se sem aprisionar (Homo Viator, 1944). O agricultor conhece esse ponto melhor do que ninguém, porque sabe que muda transplantada precisa de tutor no primeiro ano e precisa perder o tutor no segundo, sob pena de nunca formar lenho firme. Amar demais em volume e de menos em ordem produz o mesmo estrago que amar de menos.

6. Diante deles, e não apenas para eles

Fico então com esta arrumação interior, e a escrevo para não esquecer. Meus filhos não são melhores do que ninguém, e é bom que eles saibam disso, porque é assim que se forma um homem sem arrogância. Mas meus filhos são meus de um modo que ninguém mais é, e eles precisam saber disso também, porque é assim que se forma um homem sem orfandade. A primeira frase eu já disse muitas vezes. A segunda eu disse pouco, e é a que falta.

No Sítio Agrosafia plantei garapuvus e ipês cuja sombra madura eu não vou aproveitar. Plantar árvore que outro vai usufruir é o gesto mais parecido com a paternidade que a terra permite. É também o que quis dizer em A Eternidade em Nós: o que permanece de um homem não é o que ele acumulou, é o que ele enraizou. Por isso não quero mais viver para eles. Quero viver diante deles. Diante é a única posição que permite ao pai continuar sendo referência quando já não puder ser provisão.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AGOSTINHO DE HIPONA. *Sobre a Doutrina Cristã*. Livro I, capítulos 27 e 28. Obra original de 397 a 426.

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. II-II, questão 26, artigos 6 a 8. Obra original de 1265 a 1274.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Livros VIII e IX. Século IV a.C.

BÍBLIA SAGRADA. Gênesis 2,15; Provérbios 22,6; Marcos 4,8; Marcos 12,31; João 12,24; 1 Timóteo 5,8.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Obra original de 1923.

CÍCERO, Marco Túlio. *Dos Deveres*. Livro I, capítulo 17. Obra original de 44 a.C.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. Vaticano, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Amoris Laetitia: sobre o amor na família*. Vaticano, 2016.

GÖTSCH, Ernst. *O Renascer da Agricultura* e demais escritos sobre agricultura sintrópica. A partir de 1995.

HEIDEGGER, Martin. *Construir, Habitar, Pensar*. Conferência de 1951.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Pais Frouxos, Filhos Sofredores; Pais Firmes, Filhos Felizes*. [s.d.]. Disponível em: www.ainor.com.br.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *A Eternidade em Nós*. [s.d.]. Disponível em: www.ainor.com.br.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Um Minuto de Inspiração*. [s.d.]. Disponível em: www.loterio.com.br.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Paixão pelo Cooperativismo*. [s.d.]. Disponível em: www.ainor.com.br.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *O grão de mostarda e a Agrosofia: mística da vida com base nas forças agronaturais*. Artigo publicado nos portais www.ainor.com.br e www.loterio.com.br.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Textos e artigos sobre a Família e Blog do Aínor*. Acervo de artigos publicados em www.loterio.com.br.

MARCEL, Gabriel. *Homo Viator: prolegômenos a uma metafísica da esperança*. Obra original de 1944.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *O Meio Divino*. Publicação póstuma de 1957.

WEIL, Simone. *O Enraizamento*. Publicação póstuma de 1949.

Aínor Francisco Lotério | Camboriú, Santa Catarina | ainorfloterio@gmail.com | (47) 99967-5010